

IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARA
AMAZÔNIA**

MARGEAR: PISTAS, MAPAS E SONHOS

BORER: CLUES, MAPS AND DREAMS

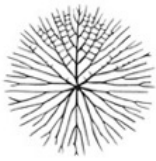
Renata Aguiar Rodrigues

RESUMO: Este artigo se propõe a criar uma cartografia afetiva da geografia imaginada por fotógrafas mulheres na Amazônia contemporânea. – assim como a vida exige um espaço físico para que se desdobre, também os sonhos exigem seus próprios espaços imaginados – A partir da fronteira arte/fotografia percorro o caminho das histórias/vivências entre o onírico e o discurso, aprofundando o estudo nas relações técnico-conceituais na construção do imaginal amazônico; mapeando a produção fotográfica de mulheres na Amazônia, mais especificamente na cidade de Belém em suas resistências poético-políticas, para enfim, permeada por essas imagens e caminhos desenvolver experimentações e sonhar outras possibilidades de mundo a partir das relações arte-pesquisadora-artista.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia. Onírico. Discurso. Amazônia.

ABSTRACT: This article proposes to create an affective cartography of the geography imagined by female photographers in contemporary Amazonia - just as life requires a physical space to unfold, dreams also require their own imagined spaces - from the border between art / photography I walk the path of stories / experiences between the dream and the local discourse, deepening the study in the technical-conceptual relationships in the construction of the Amazonian imaginal; mapping the photographic production of women in the Amazon, more specifically in the city of Belém in their poetic-political resistances, finally, permeated by these images and paths to develop experiments and dream of other possibilities of the world based on art-researcher-artist relations.

KEYWORDS: Photography. Dreams. Discourse. Amazon.



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

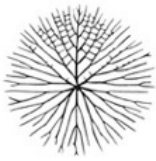
Introdução

Neste artigo apresento pesquisa em desenvolvimento no Programa de Pós Graduação/Doutorado em Artes Visuais na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde realizo investigação teórico prática das poéticas políticas emergentes no imaginal amazônico, que possibilitam a corpos dissidentes espaço para ocupação e tráfego em uma construção discursiva a partir da intercessão arte e fotografia. Para tal me apoiei em três eixos de pesquisa: investigação, mapeamento e experimentação.

Os dispositivos e processos de produção de sentidos na Amazônia se dão em complexas inter-relações de colaboração entre indivíduos, coletivos, artistas, ativistas e educadores, fazendo surgir questões: A arte pode estar desligada da formulação de discursos políticos? A Amazônia em suas questões e discussões próprias resiste à homogeneização globalizante e descoloniza corpos e mentes?

Numa paisagem diferenciada, onde as grandezas se fazem desmedidas a fotografia das últimas décadas no Pará é permeada por uma identidade particular da produção local contemporânea, é nesse sentido que compreendo apropriado falar sobre uma moderna tradição amazônica (CASTRO, 2011), dotada de um sentir específico que influencia até hoje a produção fotográfica local, ponto de partida para a hipótese de que o imaginal amazônico contemporâneo produz um discurso capaz de narrar histórias, identidades e alteridades que de outra forma não seriam passíveis de registro ou existência oficial: materialidades que ressignificam a arte em seu caráter político e social em uma poética específica, construída na relação de identidade com o lugar, pontos de fronteira em que arte e fotografia são passíveis de construir uma visualidade, um imaginal que resiste a estereótipos normalizadores do lugar marginal.

É somente através do[a] artista que novas ideias sobre o conhecimento de outra maneira tácito e implícito podem ser adquiridas, e somente



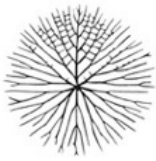
IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

enquanto o[a] artista/pesquisador[a] permanecer um[a] artista ele ou ela será capaz de enriquecer as pesquisas existentes realizadas por cientistas. (COESSENS, DOUGLAS e CRISPIN, p.91, 2009).

Percorrer caminhos, experimentando e sonhando mundos: agenciamentos que fazem emergir relações que constantemente reorganizam as experiências vividas através de formas híbridas de configuração formal e processual, a arte/pesquisa a partir do olhar da artista/pesquisadora. Assim meu objetivo é realizar pesquisa sobre o imaginal na Amazônia contemporânea a partir dos pontos de fronteira entre arte e fotografia em um curso histórico e empírico sobre o tema, aprofundando o estudo pela perspectiva arte-pesquisa-artista. Tendo como objetivos específicos, investigar as relações técnico-conceituais entre arte e fotografia na construção desse imaginal; mapear a produção fotográfica na Amazônia contemporânea, mais especificamente na cidade de Belém em suas resistências poético políticas e desenvolver experimentações fotopoéticas a partir do onírico como possibilidade de dilatação do hiper corpo fotográfico nas relações arte-pesquisadora-artista.

Como método uso a cartografia, que se presta à análise e desconstrução de dispositivos, ação de desemaranhar linhas de força, além de instrumentalizar a resistência em seus modos de objetivação e subjetivação, já que tal como proposta por Foucault e Deleuze, a análise cartográfica configura-se como instrumento para uma história do presente, possibilitando a crítica do nosso tempo e daquilo que somos (FILHO e TETIA, 2018). Entendendo o papel da artista/pesquisadora como alguém que olha para a metodologia buscando um estar no mundo dentro de uma perspectiva formal e artística, escolhi os seguintes procedimentos metodológicos: levantamento e revisão bibliográfica de fontes primárias e secundárias que encaminhem aos pontos necessários à investigação proposta; cartografia/mapeamento como técnica investigativa na formação de um corpo de dados tanto para catalogação, quanto como elemento investigativo e a experimentação em artes como recurso da artista pesquisadora no âmbito acadêmico do processo criativo.



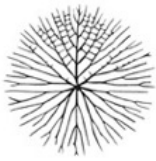
IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

Tenho no fundo dos olhos a imensidão do rio e a imensidão do ar, conheço florestas com verdes a perder de vista, minha terra é imensa, de horizontes continentais, nascida em cidade ribeirinha do Estado do Amazonas, cresci nos Estados de Rondônia e Pará sempre cercada por águas e florestas sem fim. Talvez isso tenha feito surgir em mim um lugar desabitado em busca de horizontes, vivências e experimentações. Descobri, viajando, imensidões com as quais não estava familiarizada, paisagens tão distantes da minha, tão gigantescas, que não deixavam o olhar repousar sobre o horizonte, foram grandezas verticais, que me inspiraram “sonhos de voo” sussurrados por Bachelard (2001). Em busca desses sonhos passei a me envolver com o que chamo hoje de poéticas políticas: assim é em rasante que percorro o trabalho das artistas fotógrafas Paula Sampaio e Claudia Leão; cartografando a geografia dos rios que habitam meus sonhos para ser capaz de navegar, seja rasgando o espelho d’água ou mergulhando nas profundezas das memórias deixadas por nossas ancestrais, onde recolho ou planto pistas para outros mundos possíveis.

Narrativas afetivas e cartografias poéticas.

Muitas pesquisadoras tem se lançado no campo de investigação aonde arte e fotografia vieram se fundir as experiências vividas, associando as possibilidades formais do discurso a construção imaginal, articulando a (des)estrutura dos sujeitos/objetos aos temas/conteúdos de suas investigações artísticas e inquietações políticas e sociais; assim começo meu mapa pelo caminho da transamazônica imaginada por Paula Sampaio que oferece ao olhar imagens surgidas do universo do sonho marginal. No projeto *Antônios e Cândidas tem sonhos de sorte*, realizado desde a década de 1990, a fotógrafa documenta histórias de homens e mulheres que na década de 1970 iniciaram um processo de migração e ocupação da Amazônia, como a própria fotógrafa que é mineira e se transferiu para Belém na década de 1980.

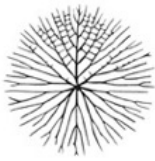


IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

Suas fotografias, em preto e branco, trazem personagens cortados, fora de enquadramento ou retratam apenas uma parte do corpo. A fotógrafa trabalha as sombras, dando dramaticidade à imagem e mesmo constituindo-as apenas com silhuetas, criando uma poética que dá forma ao apagamento das histórias e memórias marginais das pessoas que foram atraídas para a Amazônia por um discurso do projeto político dos governos ditatoriais brasileiros, que rasgaram a floresta a partir de uma visão colonialista de ocupação e exploração do lugar, pessoas que por fim foram abandonadas pela ausência de políticas públicas que apoiassem essa migração em massa que ocorreu ao longo do projeto de criação de uma estrada transamazônica.

Paula Sanpaio, parte do *habitus* “que faz o criador participar de sua coletividade, de sua época e, sem que este tenha consciência, orienta e dirige seus atos de criação aparentemente singulares” (BOURDIEU, p.342, 2003) dessas comunidades que se espalham margeando a estrada empoeirada que atravessa o norte do país, para construir uma geografia de afetos e vivências, um lugar imaginal que nos põe a ver o abandono social e ausência de representação política dessas comunidades como dito por Herkenhoff (LIMA, 2009), mas não apenas: cria também um lugar onde as pessoas são capazes de ainda ter sonhos, apesar de todas as adversidades postas pela marginalização, Antônio e Cândidas continuam a ter sonhos de sorte, e reconstróem sua realidade em resistência a atual necropolítica (MBEMBE, 2019), seja mantendo suas práticas culturais ancestrais, seja nas táticas e estéticas da *gambiarra*; imaginada por Sampaio essas comunidades têm a superfície – fotográfica – do sonho.



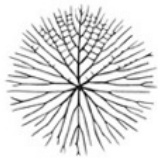
IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**



Figura 1: Projeto Antônio e Cândida tem sonhos de sorte. SAMPAIO, Paula. Fotografia Ano: 1994.
Imagem disponível em: < <http://paulasampaio.com.br/projetos/antonios-e-candidas-tem-sonhos-de-sorte>>

Lançar-se a um contexto artístico específico possibilita estabelecer um corpo de pesquisa tanto num registro de condição arquivista, quanto da natureza da experiência vivida no processo de experimentação e criação artística, mas é a fabulação do imaginal que permite as artistas ir além e constituir diversos estados de sublime no poético contemporâneo, como no trabalho da paraense Claudia Leão, que recorre às primeiras experiências fotográficas das vanguardas artísticas históricas para dar corpo investigativo ao seu trabalho na série *O Rosto e os Outros*, na qual algumas fotografias são apresentadas em estágio final de produção estando nítidas e evidentes, enquanto em outras não passam de espectros que nos exigem observação minuciosa para imaginar sua existência, é uma série de fotografias que trabalha com a apropriação de imagens publicadas em jornais e revistas ou de álbuns de família pessoais, a artista às manipula, por vezes ainda não reveladas, interferindo diretamente em seus negativos, na construção e transformação de fotogramas em laboratório, que são em seguida revelados ou aplicados em superfície de vidros ou espelhos gastos apresentados em fragmentos de janelas de demolição.



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

Imagens que mostram o trabalho do tempo assim como a ação da artista, no fazer fotográfico – que apreende o momento, mas também o transforma – na fotografia analógica que pede intervalos de ação e espera, luz e escuridão para se revelar camadas de temporalidades são acumuladas sobre seus suportes, assim na série *o rosto e os outros*, criada a partir da experimentação, suscetível ao erro e ao acaso é evidenciada a opacidade da fotografia enquanto realidade criada no mundo sonhado pela ação transformadora da artista “[...] a mão trabalhadora e imperiosa aprende a dinamogenia essencial do real, ao trabalhar uma matéria que, ao mesmo tempo, resiste e cede como uma carne amante e rebelde” (BACHELARD, 2002, p. 14).



Figura 2: Da série “O rosto e os outros”. LEÃO, Claudia. Fotografia. Ano: 1995. Imagem disponível em: < <http://www.culturapara.art.br/fotografia/clauidialeao/obras1.htm>>

São imagens que parecem emergir lentamente de alguma profundidade, mas que ainda mantêm algo da superfície reflexiva que lhe serve de suporte, personagens que habitam entre o desaparecimento e o devir, impossível de perceber se seu movimento é de chegada ou de partida, como num sonho do qual não temos absoluta clareza, ou a memória do rosto querido que há muito não se faz presente, que se esvai apesar dos esforços para fixá-lo. Leão nos apresenta uma fotografia

corrompida “pelo olhar, pelo corpo, pela existência de seus autores e concebida como ponto de intersecção entre as mais diversas



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

modalidades artísticas, como o teatro, a dança, a poesia e a própria fotografia tradicional” (CHIARELLI, 2002, p. 115).

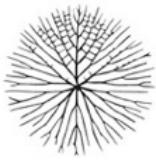
O que seria então criar imagens, usando a fotografia mesmo documental ou expandida? Um ato de eleger personagens, lugares, paisagens: sonha-los. Sejam em sua concepção ou em sua fruição meus modos de desvendar e falar sobre a fotografia enquanto arte e suas particularidades nunca deixaram de ser um olhar sobre o mundo vivenciado, um mundo no qual a Amazônia se faz presente por ser o ponto de encontro e de partida comum dos trabalhos desenvolvidos.

Sonho Lúcido: cair sem colapsar

A busca pela representação do lugar – desse que não é qualquer outro senão o que se me apresenta na cotidianidade, íntimo, particular e imenso, dilatado pela contiguidade das águas, ruas, becos e estradas – caminhos que percorri “manipulando o aparelho, apalpando-o, olhando para dentro e através dele, a fim de descobrir sempre novas potencialidades” (FLUSSER, p.42, 1985) procurando perceber os cantos obscuros e pouco visitados do universo fotográfico, espaço debilmente iluminado pela chama midiática, tentando construir para além do lugar comum do mercado e das padronizações das identidades e discursos homogeneizantes, uma fotografia que realize um universo fotográfico diverso e constitutivo de subjetivações não programadas (PAIM, 2012), no entanto:

Não é necessário imaginar um não dito ou um impensado que percorre e entrelaça o mundo com todas as suas formas e todos os seus acontecimentos, o qual teríamos de articular, ou, finalmente, pensar. Os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas que se cruzam, que às vezes se justapõem, mas que também se ignoram ou se excluem. (FOUCAULT, p14, 2012)

Assim, seguindo a tradição de mulheres artistas fotógrafas que habitam a primeira fronteira da Amazônia, o Pará, me lancei à experimentação entre o sonho e o discurso



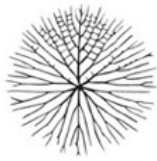
IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

presente nas histórias das *Ykamiabas*: Tribo de mulheres guerreiras que não desejavam ou permitiam entre si a presença masculina. Viviam na região do rio Nhamundá, afluente do rio Amazonas, que assim foi denominado em referência as mulheres guerreiras da mitologia grega, foi Francisco de Orellana, que navegou o grande rio de Quito até o Oceano Atlântico entre 1540 e 1542, quem primeiro descreveu, em cartas a Espanha, o encontro com índias sem maridos que revidavam o combate manejando com destreza o arco e a flecha. (COSTA, SILVA e ANGÉLICA, 2002).

Contam as mais velhas que uma vez por ano as *Ykamiabas* realizavam uma grande festa em nome de *Yacynará* próximo a nascente do rio Jamundá (Nhamundá ou Yamundá) na serra *Yacy-taperê*, onde havia um lago consagrado à lua, o *Yacy-uaruá* (espelho da lua). Pouco antes da meia-noite, quando a lua estava quase a pino, em procissão, dirigiam-se ao lago, tendo nos ombros potes cheios de perfume, que eram derramados nas águas escuras do lago espelhado, ali elas dançavam, cantavam e depois se atiravam na água para um banho purificador. À meia-noite, quando a lua se refletia na face lisa do lago, após fazer amor com os Guaçaris (homens de tribo indígenas especialmente convidados para a festividade), mergulhavam e traziam do fundo do lago um barro mole e verde, ao qual davam formas batraquianas: os muiraquitãs, que endureciam ao ser retirados da água. Com esses objetos presenteavam os Guaçaris, que deveriam trazer o amuleto pendurado ao pescoço.

Mitos e histórias são ecos de saberes ancestrais, que nos entregam hoje conhecimentos antigos que foram apagados ou quase destruídos. Essas histórias, passadas de forma oral e presentes em quase todas as culturas nos oferecem um vislumbre da força da mulher selvagem e nos mostram caminhos para retornarmos a ela, toda vez que se faça necessário. (ESTER, 2014). Foi sonhando com essas histórias e sentindo seu chamado que voltei ao meu lugar de nascimento – Uruará – para percorrer rios e terras seguindo as pistas deixadas pelas *Ykamiabas*.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

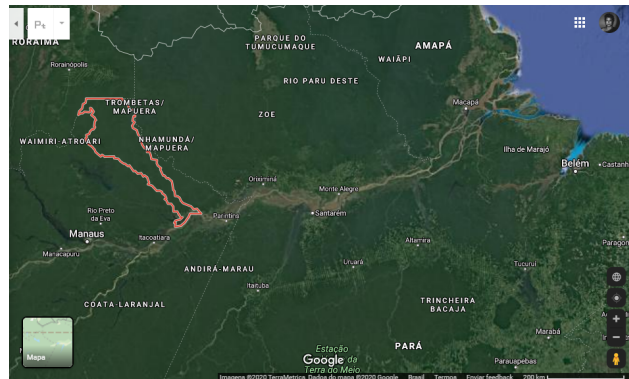
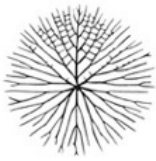


Figura 3: Localização da cidade de Uruará/AM. Ano: 2020. Imagem disponível em:
<<https://www.google.com.br/maps/>>

Guerreiras que cantam, dançam e amam a si mesmas e aos homens que não desejam entre si. Elas surgem nas matas, nuas e armadas, elas se banham nos espelhos d'água, sem jamais mostrar seu rosto. Sonhar é para mim um processo de olhar para trás e para frente ao mesmo tempo, reconhecendo e honrando minhas ancestrais, enquanto vislumbro o que ainda não existe, assim foi que com a ajuda da minha mãe adentrei a floresta e os igarapés para deixar fluir em mim o arquétipo da mulher selvagem:

Do ponto de vista da psicologia arquetípica, bem como pela tradição das contadoras de histórias, ela é a alma feminina. No entanto, ela é mais do que isso. Ela é a origem do feminino. Ela é tudo o que for instintivo, tanto do mundo visível quanto do oculto - ela é a base. Cada uma de nós recebe uma célula refulgente que contém todos os instintos e conhecimentos necessários para a nossa vida. Ela é a força da vida-morte-vida; é a incubadora. É a intuição, a vidência, é a que escuta com atenção e tem o coração leal. Ela estimula os humanos a continuarem a ser multilíngues: fluentes no linguajar dos sonhos, da paixão, da poesia. Ela sussurra em sonhos noturnos; ela deixa em seu rastro no terreno da alma da mulher um pêlo grosseiro e pegadas lamacentas. Esses sinais enchem as mulheres de vontade de encontrá-la, libertá-la e amá-la. Ela é ideias, sentimentos, impulsos e recordações. Ela ficou perdida e esquecida por muito, muito tempo. Ela é a fonte, a luz, a noite, a treva e o amanhecer. Ela é o cheiro da lama boa e a perna traseira da raposa. Os pássaros que nos contam segredos pertencem a ela. Ela é a voz que diz, "Por aqui, por aqui". Ela é quem se enfurece diante da injustiça. Ela é a que gira como uma roda enorme. É a criadora dos ciclos. É a



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

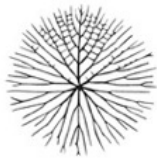
**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

procura dela que saímos de casa. É à procura dela que voltamos para casa. Ela é a raiz estrumada de todas as mulheres. Ela é tudo que nos mantém vivos quando achamos que chegamos ao fim. Ela é a geradora de acordos e ideias pequenas e incipientes. Ela é a mente que nos concebe; nós somos os seus pensamentos. (ESTER, 2014, p.37)



Figura 4: Ykamiabas. Fotografia. 2019. Acevo pessoal da artista.

Fazendo surgir outro mundo de conhecimento permeado pela realidade do mito, das narrativas orais e das histórias que nos quiseram fazer esquecer, “do lugar onde são possíveis as visões e os sonhos. Um outro lugar onde a gente pode habitar além dessa terra dura: o lugar do sonho” (KRENAK, p.65, 2019) que intuo ser o lugar da arte, do fazer-se artista, em um mundo ampliado nas possibilidades de uma realidade constituída em rede aberta e constante movimento onde, para além do sujeito isolado ou preso a dicotomia humanidade x natureza, somos um coletivo que se auto organiza na coletividade, ou seja, nossas vontades, desejos, decepções e lutas expressas em ações e atitude, não são configurações puramente individuais, mas da abrangência política, ecológica e social que nos compõe.



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

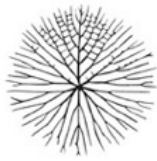


Figura 5: O nascimento do Muyrakytã. Fotografia. 2019. Acevo pessoal da artista.

Estas cenas inscritas pela luz – fotografias clicadas pelas mãos daquela que me pariu – constituem poéticas políticas quando instauram no campo imaginal a existência que há muito tempo está oculta ou suprimida da mulher guerreira ou selvagem, uma força feminina livre que pode reequilibrar a relação humana com o seu entorno e nos reintegrar ao mundo, antes que este se desintegre.

Conclusões

Assim entendo que arte constrói discursos que são difundidos, valorados e apropriados pela sociedade, principalmente pelas mudanças que a revolução industrial do início do século XX e a arte pop dos anos 1960 trouxeram para forma como artistas, fotógrafas e os meios de comunicação lidam com obras e imagens fotográficas. Como as fronteiras entre essas áreas tem se tornado cada vez mais imprecisas e fugidias o método cartográfico se torna importante referente para abordar nesta pesquisa as relações, enfrentamentos e cruzamentos entre forças, agenciamentos, jogos de verdades, objetivação e subjetivação, produções e estetizações de si mesmo e do outro, práticas de resistência e liberdade: enunciações.



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

Dessa forma construí caminhos – mapas – do imaginal amazônico contemporâneo em sonho, pista, vestígio e devir, num acervo cultural constituído por obras de arte, registros, performances, imagens, textos, hipertextos, processos ou vivências cotidianas que revelam, narram e recriam a realidade das pessoas e dos lugares onde nos inserimos, agenciando territorialidades amazônicas.

É sobre saber cair, sem colapsar, sobre vivenciar os ciclos de morte e vida, noite e dia que diz respeito a constante transformação que permeia tudo o que há no universo, é sobre aprender a construir “paraquedas coloridos” como nos sugere Ailton Krenac (2019), pois se vamos cair, que seja uma queda linda, uma queda potente e que estejamos de olhos bem abertos conscientes da vertigem que é o mergulho no ar.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. A água e os sonhos – Ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

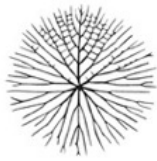
_____. O ar e os sonhos – Ensaio sobre a imaginação do movimento. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2003, p. 342.

CASTRO, Fabio Fonseca de. **Entre o Mito e a Fronteira**: estudo sobre a figuração da Amazônia na produção artística contemporânea de Belém. Belém: Edição do Autos, 2011.

COESSENS, Kathleen, Anne Douglas, and Darla Crispin (2009) **The Artistic Turn: A Manifesto**, Orpheus Research Centre in Music Series, 1, Leuven: Leuven University Press. p.91

COSTA, Marcondes Lima da; SILVA, Anna Cristina Resque Lopes da; e ANGÉLICA, Romulo Simões. **Muyrakyta ou muiraquita: um talismã arqueológico em jade procedente da amazônia**: aspectos físicos, mineralogia, composição química e sua importância etnogeológica. Manaus: in ACTA Amazônica vol.32 no.3, p. 467-490 jun./set. 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/aa/v32n3/1809-4392-aa-32-3-0431.pdf>> Acesso em 10 mai. 2019, 03:44:09.



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

ESTER, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

FILHO, Kleber Prado e TETIA, Marcela Montalvão. **Cartografia como método para as ciências humanas e sociais**. Santa Cruz do Sul, in Barbarói n.38, p.45-59, jan./jun. 2013. Disponível em < <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/2471/2743> > Acesso em: 05 ago. 2018, 23:40:05

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Hucitec, 1985, p.42.

PAIM, Claudia. **Táticas de Artistas na América Latina**: coletivos, iniciativas coletivas e espaços autogestionados. Porto Alegre: Panorama Crítico Ed., 2012.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

MOKARZEL, Mariza (Coord.); LIMA, Janice; MOURA, Simone. **Rios de Terras e Águas**: Navegar é Preciso. Belém: UNAMA, 2009.

SANTAELLA, Lucia. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus, 2005